

TEATRO

**DEUS E O DIABO NO BAR DA
ESQUINA**

Antônio Roberto Gerin

(21/5/2008)

*Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional, sob o n. **461.786***

Contemplado com a Bolsa Funarte de Dramaturgia, em 2007.

Personagens

Constantino *(Diabo)*

Valdemar *(Deus)*

Marido

Mulher

ATO I

CENA I

(Deus e o Diabo na sala do apartamento de Beatriz e Constantino.)

CONSTANTINO *(Entra, atitude reservada, estranhando o ambiente, como se nunca tivesse estado ali. Observa os detalhes, olha em volta. Deposita a maleta sobre a mesa, pega um retrato sobre uma das mesinhas, observa-o com estranheza, apesar de o retrato ser dele mesmo. Observa também um belo quadro na parede, depois pega a maleta e sai para o corredor. O telefone começa a tocar, com insistência, ninguém atende. Ele volta, sem a maleta, o telefone ainda toca, mas ele revela não ter a menor*

intenção de atender. Mantém a atitude de estranhamento. Vai até um pequeno balcão, abre-o, deixando à mostra bebidas de todo tipo. Pega, uma a uma, algumas garrafas, lê os rótulos, depois devolve-as ao lugar. Nesse tempo, o telefone para de tocar. Finalmente, apanha uma das garrafas, abre-a e deposita o líquido num copo. Experimenta. Faz trejeitos de quem não está acostumado a algo tão forte. Experimenta de novo, agora degustando. Nesse instante, toca a campainha. Assusta-se, esconde o copo no interior do balcão, fechando-o. A campainha toca novamente. Vai à porta atender.)

VALDEMAR Posso entrar? (*Entra.*)

CONSTANTINO (*Contrariado.*) - Até parece que precisa perguntar.

VALDEMAR (*Irônico.*) - Só pra saber se é você mesmo.

CONSTANTINO Agora já sabe.

VALDEMAR O que é que você está fazendo aqui?

CONSTANTINO Que tal eu lhe fazer a mesma pergunta?

VALDEMAR (*Olha em volta.*) - Está pronto pra começar mais uma batalha?

CONSTANTINO Batalha?! Você não acha que está exagerando?

VALDEMAR Hoje eu vim disposto a exagerar.

CONSTANTINO Como você é insistente!

VALDEMAR Lutar desesperadamente é o meu lema. Não desisto nunca! (*Pausa.*) Sabe ao menos o nome (*Apontando Constantino.*) dele?

CONSTANTINO É óbvio que eu sei.

VALDEMAR É que de repente...

CONSTANTINO O nome dele é Constantino!

VALDEMAR (*Espanto intencional.*) - Constantino, o imperador?!

CONSTANTINO Coincidência, só isso.

VALDEMAR Não precisa se justificar. *(Sempre analisando o ambiente.)* Não vai perguntar qual o meu nome? Quer dizer, o nome *(Aponta-se no peito.)* desse sujeitinho aqui?

CONSTANTINO Que diferença faz?

VALDEMAR Pra você, nenhuma.

CONSTANTINO Dizer ou não o nome dele não vai alterar absolutamente nada.

VALDEMAR A onisciente e a onipresente arrogância de sempre.

CONSTANTINO *(Com indisfarçado orgulho.)* - O começo, o meio e o fim.

VALDEMAR *(Irônico.)* - Bem, senhor começo, meio e fim. *(Aponta-se.)* Ele se chama Valdemar! E como o senhor sabe, ele está prestes a cometer um crime! *(Consulta o relógio.)* Daqui a exatos cinquenta e oito minutos. E, pelo jeito, o Todo-poderoso mais uma vez não vai fazer nada pra evitar a tragédia.

CONSTANTINO Não cabe a mim evitar tragédias. Nem esta, nem a próxima. Ademais, não é uma tragédia, é um simples crime.

VALDEMAR *(Irônico.)* - Pois esse simples crime não vai acontecer. *(Enfático.)* Esse não!

CONSTANTINO *(Enfadado.)* - Conheço essa conversa.

VALDEMAR Pois se prepare. Desta vez, eu vim pra ganhar.

CONSTANTINO *(Com ar de deboche.)* - Você sempre vem pra ganhar.

VALDEMAR Você está duvidando de mim?

CONSTANTINO Não esqueça que o diabo aqui é você.

VALDEMAR Mas quem quer o crime é Deus!

CONSTANTINO (*Ar de espanto.*) - Eu? Querer o crime?!

VALDEMAR Por que é que você está aqui então?

CONSTANTINO Eu estou em toda parte.

VALDEMAR (*Bate o desespero.*) - Esse é o problema. Você está em toda parte. Enchendo o saco de todo mundo. Pobre dos homens...!

CONSTANTINO (*Cínico.*) - Já está na hora de você começar a chorar.

VALDEMAR (*Recompõe-se, desafia Constantino.*) - Não! Eu não vou chorar! Não vim aqui pra isso. Eu sei que hoje tudo vai ser diferente. Alguém me diz que eu vou conseguir o impossível! Eu vou evitar esse crime! (*Empurra Constantino, que se afasta. Aponta-se.*) Ele aqui não vai matar (*Aponta Constantino.*) ele aí! (*Caminha pela sala, tentando se acalmar. Olha em volta.*) O cara é rico, hein?

CONSTANTINO Dá pro gasto.

VALDEMAR Olha essa mesa!

CONSTANTINO Razoável.

VALDEMAR Razoável? Deve ter custado uma nota.

CONSTANTINO Ele tem dinheiro.

VALDEMAR A esposa é que tem bom gosto, isso sim!

CONSTANTINO Com dinheiro na mão, qualquer um tem bom gosto.

VALDEMAR Aí é que você se engana. O bom gosto dela não vem de graça. Beatriz é o tipo de mulher completa. Bonita, inteligente, (*Encantado.*) equilibrada...

CONSTANTINO (*Irônico.*) - Equilibrada.

VALDEMAR Ela tem todos os encantos que alguém poderia desejar. Um belo modelo de ser humano! (*Sem esconder o encanto.*) E tem aquilo que todas as mulheres gostariam de ter. Sensibilidade e autossuficiência!

CONSTANTINO (*Altera-se.*) - Arrogância, isso sim!

VALDEMAR (*Provocativo.*) - Você está incomodado, não é?
(*Empolga-se.*) Excelente terapeuta, (*Enfatiza.*) conhece a alma humana como ninguém. E você sabe disso.

CONSTANTINO (*Há certo ressentimento na voz.*) - Ela acha que não precisa de mim.

VALDEMAR Você não a domina, esse é o problema.

CONSTANTINO Será questão de tempo.

VALDEMAR (*Agressivo.*) - É por isso que você quer fazê-la sofrer?

CONSTANTINO Quem vai matar o marido dela é o sócio, não eu!

VALDEMAR Mas você pode impedir.

CONSTANTINO (*Na defensiva.*) - Eu não sou responsável pelo que os homens fazem.

VALDEMAR (*Exaspera-se.*) - Mas é cínico...! Lógico que você é responsável. Você é Deus! Não é você o criador dessa merda toda? (*Vendo que Constantino observa o quadro na parede.*) Esse quadro é autêntico.

CONSTANTINO (*Irônico.*) - Fico feliz.

VALDEMAR (*Ainda com raiva.*) - Eu sei quanto custou.

CONSTANTINO Quanto?

VALDEMAR Vai-me dizer que você não sabe. (*Apressa-se.*) Ah, esqueci! Você se ocupa com coisas importantes. Essas são terrenas demais. Fúteis!

CONSTANTINO Eu nunca disse que a arte é fútil.

VALDEMAR Pois ele pagou por esse quadro mais do que podia pagar.

CONSTANTINO Gastar mais do que pode é sinal de fraqueza.

VALDEMAR (*Exalta-se.*) - Isso é amor! Foi presente dele pra ela.

(*Comovido.*) Olha como eu me arrepio todo...! O dia que ele ficou sabendo que ela estava grávida foi lá e arrematou o quadro que ela tanto queria. (*Observa o quadro.*) Esse quadro é a alma dela.

CONSTANTINO Só por causa de uma criança.

VALDEMAR Mas a criança é tudo no quadro! Olhe bem e me diz se ela não é tudo? (*Empurra-o para frente do quadro.*) Observa!

CONSTANTINO (*Olha o quadro com desinteresse.*) - Eu estou olhando.

VALDEMAR Parece uma criança de verdade. Em carne e osso...! Olhe a perfeição com que foi pintada. Essa perfeição foi criada pelo homem!

CONSTANTINO (*Demonstrando ciúmes.*) - É apenas um quadro.

VALDEMAR Mas nele há uma criatura. E essa criatura pertence ao pintor. É cria dele! Esse é o encanto que os homens não entendem. Sempre acham que tem que ter a mão de Deus em tudo!

CONSTANTINO Eles é que vêm até mim. Eu não procuro ninguém.

VALDEMAR Nem precisa procurar. Eles morrem de medo de você. Qualquer coisinha, (*Cômico.*) ai, meu Deus!

CONSTANTINO Está com raiva?

VALDEMAR Estou é com pena dos homens. De ver como eles comem na sua mão. Se preocupam tanto em saber pra onde vão depois da morte que não vivem. A vida passa, e eles morrem sem saber pra onde estão indo. Do jeitinho que você gosta. (*Senta e testa a comodidade do sofá.*) Sofá delicioso esse! (*Levanta.*) Senta pra você ver.

CONSTANTINO (*Magoado.*) - Eu não quero me sentar.

VALDEMAR Um pouquinho só. Relaxe! Seu mundo não vai acabar agora, não!

CONSTANTINO (*Tenso.*) - Eu não quero me sentar.

VALDEMAR (*Admirado.*) - Meu Deus, como nessa casa tudo é perfeito!

CONSTANTINO Vai, levanta daí.

VALDEMAR (*Consulta o relógio, Constantino faz o mesmo.*) - Ainda temos um bom tempo (*Intencional.*) antes do crime.

CONSTANTINO Você acha que eu também não gostaria que o homem fosse melhor do que ele é?

VALDEMAR (*Indignado, levanta-se.*) - Mas é um filho da puta...!

CONSTANTINO (*Tentando ser convincente, reage.*) - Eu sempre sonhei com um mundo melhor, sim! O sonho do homem é o meu sonho também.

VALDEMAR Então, o que é que você está fazendo aqui? Quer que as coisas melhorem? Vai embora! Deixa o casal viver em paz. Eles se amam e vão se amar pra sempre. Amor eterno, coisa rara!

CONSTANTINO Que amor eterno coisa nenhuma. Isso não existe. Deixa de ser bobo. (*Posiciona-se diante do quadro. Exalta-se.*) Chegará o dia em que eles olharão pra esse (*Irônico.*) belo quadro e ele dirá. Esse quadro é meu. E ela gritará. Não, é meu!

VALDEMAR (*Inseguro.*) - Com eles, não vai ser assim...!

CONSTANTINO (*Continua, agora mais incisivo, fingindo emoção.*) - Você me deu de presente, dirá a mulher. Mas eu comprei com o meu dinheiro, portanto, o quadro é meu, dirá o marido. E você acha que ela vai responder o quê? Enfia essa merda no rabo!

VALDEMAR Ela nunca diria uma coisa dessas. Nunca!

CONSTANTINO Eu não teria tanta certeza.

VALDEMAR (*Abalado, mas afirmativo.*) - Eu acredito no amor entre um homem e uma mulher! Eu sempre vou acreditar! (*Chora.*)

CONSTANTINO Estava demorando esse choro.

VALDEMAR Se eu não acreditar no amor, vou acreditar em quê?
(*Abraça Constantino, que se incomoda.*) - Eles... eles são tão felizes...

CONSTANTINO Por enquanto.

VALDEMAR (*Desespera-se.*) - É por isso que você quer que ele morra.

CONSTANTINO Quem planejou o crime foi o sócio, não eu.

VALDEMAR Confessa! É por que eles são felizes!

CONSTANTINO (*Sarcástico.*) - Se fosse pra morrer só as pessoas felizes, não seriam mais que meia dúzia.

VALDEMAR Quanto mais infelicidade, melhor. Afinal, o mal te interessa, é dele que você tira o seu sustento.

CONSTANTINO Que culpa tenho eu se o homem não é capaz de fazer nada benfeito?

VALDEMAR Mas ele é capaz!

CONSTANTINO Então, por que é que ele não faz?

VALDEMAR (*Grita.*) - Porque você não deixa! (*Agitado começa a caminhar pela sala. Silêncio. Vai até ao balcão e abre. Pega o copo de uísque. Tom jocoso.*) Uah! Escondeu o uísque por quê?

CONSTANTINO Deixa isso aí.

VALDEMAR (*Malicioso.*) - Está com vergonha?

CONSTANTINO (*Incomodado.*) - Eu só tomei um golinho.

VALDEMAR Não precisa disfarçar.

CONSTANTINO Sempre tive uma certa curiosidade.

VALDEMAR Bebe o resto.

CONSTANTINO Não! Já experimentei. Estou satisfeito.

VALDEMAR Pode beber! (*Oferece a garrafa a Constantino.*) Se quiser, tome a garrafa toda. Quem sabe você caia bêbado, durma um sono profundo, o suficiente pra que a humanidade se transforme naquilo que ela sempre devia ter sido. Um lugar decente, habitado por homens decentes! E não nessa merda que você sustenta! (*Para. Bebe. Observa a garrafa. Tom conclusivo.*) Falsificado.

CONSTANTINO (*Assustado.*) - Como assim?

VALDEMAR Não precisa ficar nervoso, não é veneno. Só dá uma puta dor de cabeça. Você vai ver amanhã! Parece que tudo aqui dentro vai explodir. Aí você vai fazer o que todo mundo faz nessa hora. Prometer nunca mais botar uma gota de álcool na boca. (*Finge-se irado.*) Aí você jamais vai querer perdoar o trapaceiro filho da puta que falsificou essa merda!

CONSTANTINO Pois eu perdoo. Basta ele vir me pedir perdão.

VALDEMAR (*Revolta-se.*) - E os pingüços que se danem!

CONSTANTINO Eu fui feito pra perdoar. Perdoar sempre.

VALDEMAR Bebe! Vamos ver se amanhã você vai estar em condições de perdoar alguém.

CONSTANTINO Eu não vou beber.

VALDEMAR (*Pega a garrafa e enche mais um pouco o copo.*) - Não sei quem é mais filho da puta. Você ou o falsificador dessa merda!

CONSTANTINO (*Altera-se.*) - Sem ofensas.

VALDEMAR Então, por que é que você deixa o cara falsificar?

CONSTANTINO O homem é livre pra fazer o que ele quiser.

VALDEMAR Desde que não contrarie os seus interesses!

CONSTANTINO (*Disfarça.*) - Existem bons remédios pra dor de cabeça.

- VALDEMAR E tudo volta a ficar como está.
- CONSTANTINO Ele me pede perdão.
- VALDEMAR (*Surpreso.*) - O filho da puta do falsificador?
- CONSTANTINO Não com a frequência que eu gostaria, claro.
- VALDEMAR (*Irônico.*) - Só aos domingos.
- CONSTANTINO Geralmente, só aos domingos. (*Apressa-se.*) Mas quando ele ficar mais velho, as coisas vão mudar. Ele será mais temente a mim.
- VALDEMAR (*Revolta-se.*) - E a cabeça dos bebuns?!
- CONSTANTINO Não deviam beber. (*Ressentido.*) Mas, já que bebem, deveriam me pedir perdão também.
- VALDEMAR (*Desespera-se.*) - Porra! Quando é que essa merda toda vai acabar? Tem que ter um fim!
- CONSTANTINO Enquanto o homem existir, não terá. (*Valdemar bebe. Tenta impedi-lo.*) Não faça isso!
- VALDEMAR Vai se foder!
- CONSTANTINO (*Impõe-se.*) - Eu não admito grosserias.
- VALDEMAR Então, vai embora! (*Incisivo, acusador.*) Aliás, até agora você não me disse por que é que está aqui.
- CONSTANTINO Eu estou aqui como posso estar em qualquer lugar.
- VALDEMAR (*Insulta Constantino, quase aos gritos.*) - Gigolô de beatas! Mentiroso! Você está aqui porque você quer o crime!
- CONSTANTINO Não se trata de querer ou não. (*Tenta ser convincente.*) Simplesmente, eu não tenho como impedir.
- VALDEMAR Mas eu tenho! E é por isso que eu estou aqui, sentado, enchendo a cara!

CONSTANTINO (*Cínico.*) - Isso é o que veremos.

VALDEMAR (*Aponta-se.*) - Ele veio convidar (*Enfia o dedo indicador no peito de Constantino.*) ele pra irem ao bar da esquina tomar uma cervejinha. Pra falarem de negócios, não é isso?

CONSTANTINO Exatamente. Pra falarem de negócios.

VALDEMAR Negócio porra nenhuma! Pura armação! Só pra levar o cara pro bar!

CONSTANTINO (*Desestabiliza-se.*) - Se eles quiserem ir pro bar, qual o problema?

VALDEMAR O filho (*Aponta Constantino.*) dele está no hospital. Morrendo!

CONSTANTINO E ele irá ao bar da esquina.

VALDEMAR Vamos ver se ele vai mesmo. (*Consulta o relógio.*) Temos ainda quarenta e três minutos pra ficarmos aqui... conversando! Não tenho pressa. (*Bebe.*)

CONSTANTINO Você pensa que vai me enrolar!

VALDEMAR Esse é meu objetivo. Por que você acha que eu estou aqui? (*Afirmativo.*) Me dê a carteira dele.

CONSTANTINO Pra quê?

VALDEMAR (*Estendendo a mão.*) - Me dê a carteira!

CONSTANTINO (*Enfia a mão no bolso direito, de onde tira uma carteira e a entrega a Valdemar, que a manuseia.*) - Você não devia estar mexendo no que não é seu.

VALDEMAR (*Em tom de surpresa.*) Uau! Quanto dinheiro...! (*Tira uma santinha da carteira.*) Uma santinha... (*Observa.*) Nossa senhora do quê...?

CONSTANTINO Desatadora de Nós.

VALDEMAR Desatadora de Nós... Que porra de santa é essa?!

CONSTANTINO Mais respeito.

VALDEMAR Sua cúmplice?

CONSTANTINO Minha mãe.

VALDEMAR (*Irônico.*) - Pô, você tem mãe pra caralho!

CONSTANTINO Essa é a protetora dele.

VALDEMAR (*Sério.*) - Você quer me dizer que ela vai proteger o coitado da morte... Nunca! Ela sempre faz o que você quer. (*Ameaça rasgar a santinha.*) Portanto, posso rasgar.

CONSTANTINO (*Intervém.*) - Não!

VALDEMAR (*Desafiador.*) - Então, confesse por que é que você está aqui.

CONSTANTINO Você sabe.

VALDEMAR Eu quero ouvir da sua boca.

CONSTANTINO Eu vim consolá-lo.

VALDEMAR Mentira!

CONSTANTINO Eu não lhe devo satisfações.

VALDEMAR (*Grita.*) - O filho dele está morrendo e você vem me dizer que não deve satisfações? Você deve satisfações a ele, sim! Ele está sendo enganado!

CONSTANTINO A vontade divina tem lá seus mistérios.

VALDEMAR Conversa pra boi dormir.

CONSTANTINO Eu exijo respeito!

VALDEMAR Daqui a quanto tempo, o menino vai morrer?

CONSTANTINO Não sei.

VALDEMAR Sabe, sim!

CONSTANTINO Ele piorou.

VALDEMAR Eu sei, levaram ele às pressas pra sala de cirurgia! (*Pega a santinha e rasga.*) A santinha não vai mais ter serventia. Os nós já foram desatados por você!

CONSTANTINO (*Tentando impedir.*) - Não faça isso! (*O telefone começa a tocar.*)

VALDEMAR (*Assustado.*) - Estão ligando pra avisar que ele morreu.

CONSTANTINO (*Silêncio, enquanto o telefone insiste em tocar. Valdemar está em estado de choque, mal contém o choro, põe-se diante do quadro.*) Me devolve a carteira. (*Voz firme.*) E pare com esse choro. (*Valdemar estende o braço, sem tirar o olho do quadro. Enquanto o telefone toca, Constantino pega a carteira, depois se abaixa e recolhe um a um os pedaços do santinho rasgado, e coloca-os dentro da carteira. Em seguida, guarda-a no bolso esquerdo. O telefone para de tocar.*)

VALDEMAR (*Volta-se. Aponta o quadro.*) - Como é que ela vai suportar tanta dor?

CONSTANTINO (*Abre os braços.*) - Estou pronto pra acolhê-la em meus braços.

VALDEMAR (*Avança sobre Constantino.*) - Canalha! Assaltante de trem pagador!

CONSTANTINO Foi um erro médico.

VALDEMAR Estripador de cangaceiro!

CONSTANTINO Você por acaso sabe fazer outra coisa além de chorar e xingar?

VALDEMAR Xingo! Xingo quanto for preciso! Ladrão de galinhas! (*O telefone começa a tocar novamente. Ansioso, implora.*) Deixa ele atender!

CONSTANTINO Não.

- VALDEMAR Ele precisa saber que o filho morreu!
- CONSTANTINO O filho ainda não morreu.
- VALDEMAR Mas vai morrer!
- CONSTANTINO Resta uma esperança.
- VALDEMAR Ele é o pai!
- CONSTANTINO Eu só quero poupá-lo.
- VALDEMAR Não foi pra isso que você veio aqui.
- CONSTANTINO Pra que submetê-lo a mais sofrimento?
- VALDEMAR Beatriz está louca atrás dele!
- CONSTANTINO (*Ressentido.*) - Seria bom ela pensar um pouco em Deus nessa hora.
- VALDEMAR (*Desespera-se.*) - Ela precisa falar com o marido!
- CONSTANTINO Ela está precisando é falar com Deus!
- VALDEMAR (*Declama, ironizando.*) - Eu, Deus, Todo-poderoso, criador do céu e do inferno, eu não quero que ele atenda ao telefone! Eu, o Magnânimo, quero o crime! (*Aumenta o tom.*) Eu preciso de vingança, de ódio, de sangue! É dessa seiva suculenta que eu sustento a minha existência! Pra isso, eu, o Bondoso, lhe apresento o diabo, para que o mal, que está em mim, aos olhos dos homens, esteja nele! (*Alucinado.*) Amém!
- CONSTANTINO (*Cínico.*) - Ninguém vai acreditar que Deus seria capaz de querer um crime.
- VALDEMAR Mas eu sei que você quer! Não só esse. Todos!
- CONSTANTINO Olha aqui, fedelho de uma rapariga sem pai nem mãe. Deus jamais desejará um crime!
- VALDEMAR Então, vai embora!

- CONSTANTINO Não é o diabo que vai me dizer o que eu tenho que fazer.
- VALDEMAR (*Sentando-se.*) - Ainda me resta meia garrafa de uísque!
(*Bebe.*)
- CONSTANTINO (*Tenta mudar a estratégia.*) - Está bem. Está bem...
Vamos embora. Nós dois. Mas com uma condição. Você
vai primeiro.
- VALDEMAR (*Larga o uísque sobre a mesa. Levanta-se.*) - Juntos.
- CONSTANTINO Eu não faço negócios com o Diabo.
- VALDEMAR (*Ameaçando sentar-se.*) - Bem, nesse caso, eu vou me
sentar.
- CONSTANTINO (*Desespera-se.*) - Não!
- VALDEMAR Porra! Decide!
- CONSTANTINO Eu sou Deus.
- VALDEMAR (*Afronta.*) - E eu, o bobo da corte!
- CONSTANTINO (*Irrita-se.*) - Eu mereço deferência.
- VALDEMAR Deixa de se fazer de besta. Pra mim, tanto faz. Se você
precisa tanto que eu vá na frente, sem problemas... O
Todo-poderoso tem lá também as suas vaidades.
- CONSTANTINO (*Descontrola-se.*) - Me respeite! O Deus aqui sou eu!
(*Quase aos gritos.*) Eu sou Deus!
- VALDEMAR (*Assustado, sem entender.*) - O que é que você disse?
- CONSTANTINO Que cara é essa, Valdemar?
- VALDEMAR Você acabou de dizer que era Deus. E que eu tenho que
te respeitar.
- CONSTANTINO Deus? Eu?!
- VALDEMAR Foi o que você acabou de dizer.

CONSTANTINO (*Ri, nervoso.*) – Eu não posso ter dito isso. É... é uma blasfêmia!

VALDEMAR Não só disse, como estava bastante ofendido.

CONSTANTINO Com quem? Com você?

VALDEMAR (*Olha em volta.*) - Tem mais alguém aqui?

CONSTANTINO (*Angustiado.*) - Talvez eu quisesse isso mesmo. Ser Deus! Assim, eu acabaria com todo esse sofrimento.

VALDEMAR (*Preocupado.*) - Você está precisando é descansar um pouco.

CONSTANTINO (*Angustiado.*) - Eu não aguento mais, Valdemar. (*Em tom de revolta.*) Eu queria mesmo ser Deus! Já que ele não me ouve... Pelo menos, pra aliviar o sofrimento da Beatriz. Como pode Deus permitir que uma mãe sofra tanto! Às vezes, ele me parece tão cruel. Queríamos tanto um filho, e agora ele quer nos tirar!

VALDEMAR Vamos lá embaixo tomar uma cervejinha. Vai te fazer bem.

CONSTANTINO (*Inseguro.*) - Eu preciso ir pro hospital. Beatriz está me esperando.

VALDEMAR Nós conseguimos os melhores médicos, fizemos tudo o que está ao nosso alcance, agora é esperar. Vamos lá, vamos. A gente desce, toma uma cervejinha, você dá aquela relaxada, (*Consulta o relógio.*) depois vai pro hospital.

CONSTANTINO Mas por que é que Deus me submete a tanta provação?

VALDEMAR Ele deve ter lá suas razões.

CONSTANTINO Razões?! (*Agressivo.*) O que foi que eu fiz?

VALDEMAR A gente faz tanta coisa, meu irmão!

CONSTANTINO Que coisas? Eu passei minha vida seguindo passo a passo tudo o que ele me pediu. Não matarás! Não

mentirás! Não roubarás! Não desejarás a mulher do próximo... Eu nunca fodi mulher alguma que não fosse a minha. Eu gosto, sim, de tomar minha cervejinha. Mas, se estivesse escrito (*Solene.*) não tomarás cerveja, eu não tomaria! Está certo que existem as fraquezas, mas pra elas existe o perdão! E eu não me canso de pedir perdão a Deus! Que razão tem ele pra tirar a vida do meu filho?

VALDEMAR (*Consola-o.*) - Deus sabe o que faz.

CONSTANTINO Você é mais que um sócio pra mim! Você é meu irmão. Me responde! É certo ele querer a vida do meu Gabriel?

VALDEMAR Certo ou não, é preciso suportar. É por isso que existe a fé. Não pensar, só confiar. A melhor coisa que temos a fazer é esperar. E você pode esperar, tomando uma cervejinha com seu irmãozinho aqui. Deus não se importará com isso. Nem a Beatriz. (*Acentua.*) Nem o Gabriel.

CONSTANTINO (*Conformado.*) - Infelizmente, eu tenho que ir pro hospital.

VALDEMAR Fazer o que no hospital com essa cara de enterro? Ânimo!

CONSTANTINO (*Consulta o relógio.*) - Não sei se eu devo ir.

VALDEMAR (*Desafia Constantino.*) - Está com medo de tomar cerveja? Não se preocupe, Deus não vai castigar você por isso.

CONSTANTINO Do jeito que as coisas andam, não sei, não...!

VALDEMAR (*Apressa-se, intencional.*) - Você deve estar se perguntando. Será que eu posso tomar uma cervejinha enquanto minha mulher e meu filho estão lá no hospital me esperando? Claro que pode! Por que (*Aponta-se.*) meu irmão está insistindo tanto pra que eu vá tomar uma cervejinha com ele? Pois eu respondo. É porque eu quero lhe fazer a melhor proposta do mundo!

CONSTANTINO (*Interessado.*) - Proposta?!

VALDEMAR Está vendo! Já ficou curioso. Há seis anos, quando montamos nossa empresa, você imaginava que íamos chegar aonde chegamos?

CONSTANTINO Eu sempre acreditei em você.

VALDEMAR A minha ideia deu certo, meu irmão! Você confiou em mim e entrou com o dinheiro. Agora é hora de expandir. Nossa empresa está sendo colocada à prova. Essa é a palavra, Constantino. *(Enfático.)* Expandir! *(Esforçando-se para ser convincente.)* Vamos tomar uma cervejinha, e eu vou te contar como vamos ficar milionários.

CONSTANTINO Por que é que então você não diz logo...?

VALDEMAR *(Em tom de impaciência.)* - Só se for lá no bar. *(Recua, muda o tom, de convencimento.)* Pura superstição! Foi lá que nós decidimos ser sócios. Foi lá que assinamos nosso primeiro contrato. E é lá que eu quero dar o próximo passo. Meu irmão, nosso sucesso está no bar da esquina!

CONSTANTINO *(Apalpa os bolsos da calça. Tira a carteira. Está entre confuso e cismado. Algo o incomoda.)* - Eu coloquei a carteira no bolso esquerdo... estranho... Nunca faço isso. *(Manuseia a carteira. Tira a santinha, ela não está rasgada. Beija-a, observa.)* Sabe uma coisa que me intriga, Valdemar? Em situações de muito sofrimento, a dúvida sempre toma conta da minha alma. Por que Deus permite que a gente sofra tanto? *(Sem conter a raiva.)* O que ele ganha com isso? Chego a sentir raiva... Raiva Dele! Depois, lógico, vou correndo pedir perdão. *(Ri, doído.)* A Beatriz até acha graça. *(Olha para a santinha.)* Mas com Nossa Senhora é diferente. Minha fé na mãe de Deus é inabalável. Eu sei que ela nunca vai me abandonar. Quando penso nela, minha dor diminui e a esperança renasce. *(Tomado de profunda esperança.)* Como agora, olhando pra ela, tenho a certeza de que meu filhinho está bem. *(Acometido de euforia. Observa a santa. Em seguida, guarda-a.)* Eu topo! Vamos lá tomar uma cervejinha! Você tem razão, vai me fazer bem. *(Saindo.)* Vamos! *(O telefone começa a tocar. Constantino, nervoso, recua. Quase cai.)*

- VALDEMAR Deixa ele atender ao telefone, porra!
- CONSTANTINO Não.
- VALDEMAR (*Desesperado.*) - O que foi que nós combinamos?
- CONSTANTINO E você voltou por quê?
- VALDEMAR Pra ver o quanto você é falso!
- CONSTANTINO (*Falso.*) - Ele não suportaria tanta dor.
- VALDEMAR Assassino! Você matou o filho dele!
- CONSTANTINO Afaste-se de mim, Satanás!
- VALDEMAR Afasta-se você dos homens. Deixa os pobres coitados viverem em paz!
- CONSTANTINO Pra você tomar conta de tudo?
- VALDEMAR E pode ter certeza, comigo o mundo seria muito melhor!
- CONSTANTINO Infelizmente, ele tem que ir pro bar. É assim que tem que ser. (*O telefone continua a tocar. Irritado.*) Essa droga não vai parar de tocar?
- VALDEMAR (*Para o telefone.*) - Vai, Beatriz, não desiste! Continua ligando!
- CONSTANTINO Ela vai desistir, quer ver? (*O telefone para de tocar.*)
- VALDEMAR (*Descontrola-se, avança sobre Constantino.*) - Desgraçado! Tudo nesse mundo seria melhor sem você. Até o uísque! Se dependesse de mim, não existiria uma gota de uísque falsificado. Tudo uísque bom, de primeira. (*Bebe*) Não essa porcaria!
- CONSTANTINO Mas acontece que existe, e muito uísque ruim. (*Apressa-se.*) E a culpa não é minha.
- VALDEMAR (*Irônico.*) - A culpa é sua sim, Magnânimo! Você perdoa tudo! Foi o jeito que você encontrou pra que tudo continue na mesma.

CONSTANTINO *(Incisivo. Consulta o relógio.)* - Vamos descer. Está mais do que na hora.

VALDEMAR Eu não vou descer! *(Senta-se na poltrona, cruza os braços. Como se falasse para si mesmo.)* Daqui, eu não saio! *(Levanta-se e vai encher o copo.)*

CONSTANTINO Para de beber essa droga! *(Tenta pegar a garrafa de uísque.)*

VALDEMAR Deixa minha garrafa em paz!

CONSTANTINO Você não pode mudar o que está feito.

VALDEMAR Que eu saiba o crime ainda não aconteceu.

CONSTANTINO Ele vai acontecer.

VALDEMAR *(Desafia.)* - Eu acho que não! *(Senta na poltrona, refestela-se.)*

CONSTANTINO *(Com certa petulância.)* - O ser humano é fraco. Ele não resiste a nada. O que é que eu posso fazer?

VALDEMAR Você sabe que eles *(Faz o gesto rápido apontando para os dois.)* são amigos. E, quando a polícia for aprofundar as investigações, não vai encontrar qualquer vestígio de desentendimento entre eles.

CONSTANTINO *(Conclusivo.)* - Me parece que eles se dão bem.

VALDEMAR *(Aponta-se.)* - O esperto fez um puta jantar em sua casa pra comemorar a chegada *(Irônico.)* do afilhado Gabriel! Padrinhos! *(Aponta-se.)* Ele e a mulher! Felizes com a chegada do menino! *(Comove-se, em espasmo de choro.)* Estavam todos muito felizes...

CONSTANTINO *(Também comovido.)* - Pra que sofrer à toa? Vai, para de chorar.

VALDEMAR Filmes, fotos, sorrisos, tudo fingimento! E saber que faz mais de um ano que *(Aponta-se.)* o cara vem planejando o crime!

CONSTANTINO O que é que eu posso fazer se o cara é bom de negócio?!

VALDEMAR Bom não. (*Aponta-se.*) O cara é fera! A empresa não existiria sem as ideias dele. É ele quem decide tudo. Quem ganha o dinheiro. Então, por que deixar que o outro se aproveite? (*Aponta Constantino, ao mesmo tempo em que empurra Deus.*) O Constantino é um sujeito bom, generoso, caráter firme... mas, e daí? Só teve a sorte de nascer em berço rico. Foi o que lhe restou, entrar com o dinheiro. Está aí o equilíbrio perfeito. O encontro do dinheiro com a boa ideia...! (*Quase ao choro.*) Por que o Valdemar quer tudo pra ele?

CONSTANTINO Pra que esse drama todo? Uma hora o equilíbrio teria que se romper.

VALDEMAR (*Desespera-se.*) - Por que é que o forte tem sempre que matar o fraco?

CONSTANTINO Não me pergunte.

VALDEMAR (*Entre o lamento e o choro.*) - Às vezes, me dá vontade de desistir de tudo, sabia? Entregar os pontos e sumir!

CONSTANTINO (*Cínico.*) - Seria ótimo.

VALDEMAR (*Começa a caminhar pela sala.*) - Enfiar a cabeça no travesseiro e esquecer que o mundo existe. Cansei de ver meu coração sangrar... feito uma bola de fogo! É como se o sol expelisse sangue! E eu não encontro uma gota-d'água pra aliviar a minha dor! Quando é que essa eternidade vai acabar?

CONSTANTINO Chega dessa conversa de boteco.

VALDEMAR (*Grita.*) - Por que é que eles não podem continuar a serem sócios? Tem dinheiro pra todo mundo!

CONSTANTINO (*Cômico, aumenta o tom.*) - Só me faltava essa. O Diabo em crise.

VALDEMAR (*Posiciona-se diante do quadro.*) - Eu queria tanto ser igual a ela. Inteligente... Meiga... Equilibrada! Mas olha o

que eu sou. Um bosta! (*Lamenta.*) Um cara que só sabe chorar! (*Grita.*) Beatriz, eu não vou desistir! Pode ficar tranquila, eu vou salvar o seu marido! (*Para Constantino, animado. Pega o copo de uísque, deita-se no chão.*) Vou ficar aqui plantado no chão, feito uma viga de concreto, tomando uísque. Muito uísque! (*Silêncio. Ri, um tanto descontrolado.*) Eu vou ficar aqui até seu marido atender ao telefone, Beatriz! Não desista, querida! Continue ligando, só assim você vai poder salvá-lo. (*Chora.*) Eu vou ficar aqui conversando com Deus. O quanto for preciso. (*Reage. Levanta e fica sentado no chão.*) Eu queria ser um super-homem! Desses que seguram a velocidade de um trem só pra salvar a criancinha indefesa. Não é lindo! (*Desespera-se.*) Por que é que eu não consigo ser um superdiabo? (*Bebe, nervoso.*)

CONSTANTINO (*Toma o copo das mãos de Valdemar. Em tom duro.*) - Não se iluda. Você não está me levando na conversa.

VALDEMAR Eu, te levar na conversa?! Quem dera! Não tenho inteligência pra tanto. A única coisa que você me deu foi esse coração mole. Chorão! (*Derrama-se em choro.*) E você fez isso de propósito!

CONSTANTINO (*Posiciona-se para sair.*) - Você já chorou demais por hoje. Vamos descer.

VALDEMAR (*Senta-se no sofá.*) - Meu Deus, que coisa deliciosa...!

CONSTANTINO (*Irritado.*) - Vamos! Está na hora.

VALDEMAR (*Levanta.*) - Senta um pouquinho.

CONSTANTINO (*Continua irritado.*) - Eu não quero.

VALDEMAR (*Forçando Deus.*) - Deixa de ser chato. Você quer sim! Não é falsificado. Couro legítimo! Pare com isso, aproveite um pouco as coisas boas da vida!

CONSTANTINO Vamos. Nós precisamos descer.

VALDEMAR (*Sentando, refestela-se.*) - Eu passaria a eternidade sentado nessa poltrona.

CONSTANTINO (*Tenta puxar Valdemar, sem conseguir. Perde um pouco o controle.*) - Vamos, Diabo! Não me obrigue a usar a força!

VALDEMAR (*Reagindo, desafiador.*) – Vai! Frouxo! Puxa! Covarde! Matador de cangaceiro! Me arrasta pra fora! Não está conseguindo? Força! Você não é o Todo-poderoso? (*Constantino desiste, sem esconder a raiva. Irônico.*) Uá-á?! Desistiu? (*Levanta-se, vai até a janela, observa, na direção do bar.*) Os assassinos já chegaram.

CONSTANTINO (*Consulta o relógio.*) - Meu Deus! Já são quase oito horas! Você hoje está pior do que nos outros dias.

VALDEMAR (*Vendo a impaciência de Constantino.*) - E eu ainda nem terminei de falar. (*Angustia-se.*) Você é a única pessoa com quem eu posso conversar. Eu preciso conversar. Esse é o meu momento de organizar a minha vida. De dar um basta nisso tudo! Eu não quero parar de falar, entende? Eu quero jogar tudo pra fora como se fosse a minha última chance! (*Debruça-se sobre a janela.*)

CONSTANTINO (*Irritado, tenta puxá-lo .*) - Pelo amor de Deus, para com isso! Chega! Basta!

VALDEMAR (*Observando fora, admirado.*) - O cara armou o crime perfeito. (*Em tom de choro.*) Estão todos lá. Preparados pra darem o bote. (*Grita.*) Cobras assassinas! Traficantes de bosta!

CONSTANTINO Para de gritar, merda!

VALDEMAR (*Continua falando, sem parar. Nesse meio tempo, Constantino esconde a garrafa de uísque.*) - Chegar cedo faz parte do plano. (*Enfatiza.*) Eles têm que ser reconhecidos. Eles são traficantes. Essa é a lógica do crime. (*Aponta-se.*) O cara aqui é esperto. Briga entre traficantes. Bala perdida. Uma só. Pá! (*Comove-se, enquanto Constantino senta na poltrona, testa seu conforto, há uma certa escrupulosa resistência. Valdemar ainda na janela.*) Está vendo o de cá, aquele mais encostadinho na parede da loja? Vem cá! Eu quero que você veja.

CONSTANTINO Eu posso ver daqui mesmo. O de camisa preta.

VALDEMAR *(Anima-se.)* - É ele que vai acertar a testa do Constantino. Enquanto os outros trocam tiros, simulando tiroteio entre traficantes, pá!, pá!, pá!, pá!, *(Comove-se.)* uma bala perdida no meio da testa de um sujeito azarado, que estava tranquilo tomando uma cervejinha com o sócio, como sempre fazem, no bar da esquina. *(Começa a chorar, aos prantos.)*

CONSTANTINO *(Vendo que Valdemar vai-se se virar na sua direção, levanta-se imediatamente, disfarçando. Impacienta-se, desconsolado com a tristeza do outro.)* - Ah, meu Deus...! *(Fingindo consolá-lo.)* Entenda... Não temos como evitar...

VALDEMAR *(Entre choroso e agressivo.)* - Como é que você consegue ser tão indiferente?!

CONSTANTINO *(Tenta consolá-lo.)* - É só mais um crime. Sempre alguém vai matar alguém. Vai, para com essa choradeira. Ponha-se no seu lugar, você é o Diabo, não um homem! *(Abraça-o, acaricia-o, vai tentando conduzi-lo para a porta.)* Vamos logo acabar com isso. Tudo vai dar certo...

VALDEMAR *(Valdemar se desvencilha de forma brusca.)* - Onde foi que você escondeu o uísque?

CONSTANTINO *(Há um certo desespero.)* - Droga!

VALDEMAR Me deixa beber! Eu quero falar! Falar, falar! Falar muito! Eu ainda não joguei tudo pra fora! Tem um restinho!

CONSTANTINO Deixa o restinho pro próximo crime!

VALDEMAR Não! Tem que ser agora. Hoje é o meu dia! *(Constantino tenta agarrá-lo, ele anda pela sala.)* Você não vai conseguir calar a minha boca. Eu tenho a força! Olhe! Eu sou o diabo-aranha e vou salvar a humanidade dos poderes malignos de Deus! Eu quero o meu uísque! *(Abre o balcão, encontra o uísque. Começa a dançar.)* Eu devo admitir... O cara pensa em tudo. Qual é a senha do crime? *(Pausa.)* Você não quer falar. Mas eu falo!

CONSTANTINO (*Grita, perde o controle.*) - Chega, porra!

VALDEMAR (*Aponta-se.*) - O Valdemarzinho aqui, inocentemente, vai levantar o braço pra chamar o garçom. (*Imita, levantando o braço.*) Gaspar! Ô Gaspar! Uma cerveja! E pá! (*Começa a chorar de forma descontrolada.*)

CONSTANTINO (*Silêncio. Vai para a janela. Está apreensivo. Debruça-se sobre o peitoral. Chama Valdemar, apontando alguém lá embaixo, no bar da esquina. Finge-se descontraído.*) - Olha lá, aquele cara no bar da esquina. Vem cá ver! (*Insinuante.*) Ele vai matar a mulher. (*Insiste.*) Vem cá ver.

VALDEMAR (*Aproxima da janela. Ansioso e angustiado.*) - Ele só está desejando a morte dela!

CONSTANTINO A coisa já passou do desejo. É mais uma tragédia anunciada.

VALDEMAR Ele não tem coragem de matar a mulher. Ele não faz o tipo.

CONSTANTINO (*Vibrando.*) - A casa já caiu faz tempo, meu caro Diabo! Enxerga! Eles já estão saindo nos tapas. E vem coisa pior por aí. (*Irônico.*) É assim que eles se amam.

VALDEMAR Ele só está precisando de ajuda! Ela também!

CONSTANTINO E você acha que dá pra ajudar um sujeito daquele? Olha bem pra cara dele! (*Tentando ser convincente.*) O sujeito é fraco! A única saída que ele enxerga é a morte da mulher.

VALDEMAR (*Desespera-se.*) - O que é que deu em você hoje? Resolveu acabar com todos os casais que se amam?

CONSTANTINO É ele quem quer matar a mulher, não eu.

VALDEMAR (*Agressivo.*) - Pilatos! Você é o verdadeiro Pilatos!

CONSTANTINO (*Irritadíssimo.*) - Olhe aqui, sujeitinho atrevido, kamikaze de causas perdidas, segure a sua língua! Se você se acha tão bonzinho assim, vai lá e resolve o problema dele!

- VALDEMAR *(Agitado, começa a andar pela sala, sem rumo. Choroso.)* - Só você pode evitar o crime... Por favor!
- CONSTANTINO *(Fingindo-se assustado.)* - Ele está saindo do bar! *(Valdemar corre para a janela. Conclusivo.)* Vamos lá ajudá-lo. Eu vou com você. *(Em tom duro.)* Mas nunca mais me chame de Pilatos! *(Apressa-se, fazendo menção de sair.)* Vamos descer, antes que seja tarde!
- VALDEMAR Descer?! Você está doido!
- CONSTANTINO Você não quer ajudar o cara?
- VALDEMAR Nós podemos ajudar daqui.
- CONSTANTINO Como, se o cara está lá embaixo?
- VALDEMAR Você está querendo que eu desça, Deus espertinho, pensa que eu não sei? Mas eu não vou descer. Naquele bar, eu não boto os meus pés. E se quer saber, ele não tem cara de quem vai cometer um crime. Eu não vejo tiro.
- CONSTANTINO E você acha que tiro é a única forma de matar alguém? A morte não é só banguê-banguê, não.
- VALDEMAR *(Desconsolado, um tanto perdido.)* - Eles se amam tanto! Como é que um amor tão lindo pode gerar tanto ódio...?
- CONSTANTINO Até parece que você nasceu ontem! Acorda! Mais cedo ou mais tarde isso ia acontecer.
- VALDEMAR *(Agressivo.)* - Urubu! Você gosta é de carniça!
- CONSTANTINO *(Irrita-se.)* - Você quer ou não quer ajudar o cara?! *(Atento, olhando pela janela o outro lado da rua.)* Espere! Ele entrou no prédio. *(Pausa.)* Ela está subindo.
- VALDEMAR *(Posiciona-se na janela, agoniado.)* - A mulher está no meio da sala esperando por ele! O que é que você vai fazer?
- CONSTANTINO Quietos! Deixa comigo. *(Posicionam-se à janela. Cutucam-se.)*

- MULHER *(Marido entra. Ela, braços cruzados.)* - Até que enfim!
- MARIDO Me deixa em paz.
- MULHER Por que é que você não se muda de vez praquela droga de bar?
- MARIDO Eu não posso nem tomar a minha cervejinha?
- MULHER Todo dia?
- MARIDO *(Agressivo.)* - E qual o problema? Agora, vai ficar me dizendo o que eu devo e o que eu não devo fazer?
- MULHER Faça o que você quiser. Mas eu é que não vou mais ficar aqui plantada, feito uma idiota, esperando por você!
- MARIDO E quem pediu pra você ficar, feito uma idiota, esperando por mim?
- MULHER *(Sensível.)* - É que a idiota aqui sempre acha que as coisas podem mudar.
- MARIDO Se você gosta de se enganar, o problema é seu.
- MULHER Eu sei que é meu. Por isso, eu vou resolver isso agora! *(Sem convicção, como se pedisse socorro.)* Eu estou indo embora.
- MARIDO Quem realmente quer ir embora não fala!
- MULHER Eu não estou falando. Eu estou avisando.
- MARIDO Ótimo! Já está avisado.
- MULHER Eu só estava esperando você chegar pra me despedir. *(Sem se mexer.)* Eu vou pegar minha mala.
- VALDEMAR *(Feliz.)* - Ela ama ele! Eu sei que ela ama!
- CONSTANTINO Ela devia ir embora. É a única forma de evitar a tragédia
- MARIDO Pode ir.

- MULHER Quando eu me casei, eu entrei por aquela porta, carregada por você!
- CONSTANTINO Começou a novela mexicana!
- MARIDO Quer que eu te carregue porta afora?
- MULHER Não, obrigada. Eu ainda tenho pernas! (*Tenta mais uma cartada.*) Eu me casei com você porque eu te amava! Eu achei que você fosse o início, o meio e o fim da minha vida. E olhe só aonde chegamos! Eu, me comportando como uma idiota! E, você, pior ainda! Um bêbado!
- VALDEMAR (*Começa a chorar.*) A alma dela é tão linda!
- CONSTANTINO (*Faz trejeito com o rosto, como que não acreditando no que está ouvindo.*) - Choro agora não, pelo amor de Deus.
- MARIDO Por isso, não! Eu também pensava o mesmo. Que tivesse encontrado a minha vida, o meu tudo!
- VALDEMAR (*Exultante.*) - Não falei! Não falei! Os dois se amam! E não é pouco amor, não! Eu percebi isso quando se beijaram no jardim, debaixo daquele ipê-roxo. Pouco antes de se casarem! (*Inconformado.*) Não era um beijo. Era um pacto de amor eterno!
- MARIDO (*Desespera-se, cosendo-se à porta de entrada.*) - Você não vai embora.
- MULHER Ficar pra quê? Pra ser pisada?!
- MARIDO Eu não vou deixar você sair.
- MULHER (*Em tom de desamparo.*) - Você não merece que uma vagabunda fique, aqui plantada, no meio da sala, te esperando todos os dias.
- MARIDO Você não é vagabunda. Nunca foi!
- MULHER Infelizmente, você se casou com uma vagabunda.
- MARIDO Não fale assim, Madalena. Por favor! Você é a mulher que eu amo!

- MULHER *(Sentindo-se forte.)* - Eu vou buscar a mala.
- MARIDO Eu prometo! Eu nunca mais vou chamar você de vagabunda.
- CONSTANTINO Ela não fez a mala.
- VALDEMAR A mala está em cima da cama
- CONSTANTINO Vazia.
- VALDEMAR Lógico que está vazia! Ela não quer ir embora.
- CONSTANTINO Mas ela devia ir.
- VALDEMAR *(Agarra Constantino.)* - Você prometeu ajudá-los!
- CONSTANTINO *(Em tom melancólico, sempre preocupado em conquistar a confiança de Valdemar.)* - Calma. Eles vão se entender.
- MARIDO Vamos recomeçar nossa vida, Madalena!
- MULHER Como arrancar tanta mágoa do peito?
- MARIDO Se existe o amor, tudo é possível.
- VALDEMAR *(Encantado.)* - Lindo! *(Para Constantino.)* Você está conseguindo! Esse é o caminho! Nada de crimes!
- MULHER *(Exalta-se.)* - Amor? Onde é que está o amor? Estamos perdidos, Messias! Bota isso na sua cabeça. Como recomeçar? Cavamos um fosso intransponível entre nós. Só tem merda nesse fosso. Muita merda! Você está tentando limpar a merda com a cerveja do bar da esquina. Pode beber toda a cerveja do mundo que não vai conseguir! Você entra por aquela porta feito um zumbi! Eu tenho que ficar pelos cantos, me escondendo, com medo de você. Eu não aguento mais essa vida! Calado, você me acusa! Olhando, você me acusa! Enchendo a cara, você me acusa! *(Grita.)* Recomeçar como, Messias!
- MARIDO *(Decidido.)* - Você não vai embora.
- MULHER Por favor, eu não tenho mais forças...

- MARIDO Eu vou desfazer a mala.
- MULHER (*Interpõe-se.*) - Não!
- MARIDO Nós vamos sair dessa! Eu prometo. Vamos procurar ajuda. Eu conheço uma terapeuta. Ela vai-nos ajudar a compreender tudo o que aconteceu. Nós vamos recuperar todos os nossos sonhos, Madalena! Eu vou te mandar flores todos os dias! Vamos dançar! É! Dançar! Como fazíamos antigamente!
- MULHER (*Começa a chorar.*) - Não é possível recuperar o que perdemos.
- MARIDO Mas nós vamos recuperar, diz que nós vamos, pelo amor de Deus!
- VALDEMAR (*Em tom de lamento.*) - Por que é que ela está falando desse jeito...? Por que ela não se entrega?
- MARIDO (*Ampara-a.*) - Eu não suportaria viver longe de você. Tudo, menos viver longe de você!
- VALDEMAR (*Profundamente emocionado.*) - Está ouvindo?
- CONSTANTINO (*Ríspido*) - Psiu! Quietos!
- MARIDO (*Insiste.*) - Me dê mais uma chance. Só uma! Eu quero voltar a ser o homem da sua vida. (*Pega-a carinhosamente pelos braços.*) Minha felicidade foi te amar. Eu vou desfazer a mala pra você. (*Sai para o quarto.*)
- VALDEMAR (*Vibrando, soca o ar.*) - É isso aí, cara! É assim que se fala! Força, Madalena! Você vai conseguir sair dessa! (*Manda beijos.*) Eu te amo!
- CONSTANTINO (*Triunfante, mas contido. Cínico.*) - Eu acho que estamos conseguindo.
- VALDEMAR (*Empolga-se.*) - Quem foi que disse que o homem não é essencialmente bom? Ele é! Sempre foi! O importante é nunca perder a esperança!

- MARIDO *(Volta, furioso, trazendo a mala.)* - Você mentiu pra mim, sua cadela! Cadê as roupas? Está vazia! *(Joga a mala na direção dela.)* Você não fez mala porra nenhuma! Você quer o que, sua vagabunda! Viver a vida me enganando? *(Agarra a mulher, que tenta fugir.)*
- MULHER Me largue!
- MARIDO *(Dá um tapa na cara dela, tentando empurrá-la para a porta.)* - Suma da minha vida! Desapareça! *(Chuta-a.)*
- MULHER *(Fugindo.)* - Estúpido!
- MARIDO *(Continua a agredi-la.)* - Vagabunda a gente expulsa a pontapés!
- MULHER Nojento! Porco! Bêbado!
- MARIDO Puta! *(Derruba a mulher no chão.)* Por que, meu Deus? Por que eu fui me casar com uma puta? *(Indo até a porta.)*
- MULHER Vai lá! Vai lá encher a cara de novo!
- MARIDO *(Aproxima-se dela, furioso.)* - Eu vou sim! Pra esquecer que um dia eu me casei com uma vagabunda!
- MULHER Por que você não some da minha vida?
- MARIDO Porque essa casa é minha!
- MULHER Minha também!
- MARIDO *(Aproxima-se da mulher, chuta-a.)* - Quer briga? A vagabunda quer briga de verdade?
- MULHER Se você sair, aqui você não entra mais!
- MARIDO Entro. A hora que eu quiser! Porque essa casa é minha! *(Grita.)* Eu comprei com o meu dinheiro!
- MULHER Com o meu dinheiro também!
- MARIDO Aquela mixaria? Não serve nem pra enfiar no seu rabo!

(Ri, riso de doido.) Quer um conselho? Jogue-se pela janela! Já que você não quer sair pela porta, saia pela janela! E não volte nunca mais!

- MULHER *(Aproxima-se da janela.)* - É isso que você quer?
- MARIDO É o que eu quero sim! Vai! Se atira! Quero ver quem vai querer ir ao seu enterro. *(Grita.)* Nem o vagabundo que te comeu! *(Sai batendo a porta.)*
- VALDEMAR *(Surpreso.)* - Mas... o que aconteceu...?!
- CONSTANTINO *(Cínico.)* - Poxa! E eu que pensei que estava tudo resolvido...!
- VALDEMAR *(Ainda não acreditando.)* - Mas esse cara é doido! Ela não fez a mala porque ela não quer ir embora! É muito simples!
- CONSTANTINO Não é hora de ficar nervoso. Calma! Deixa eu pensar...
- VALDEMAR Mas você é Deus! Você não precisa pensar!
- CONSTANTINO Pra evitar a tragédia, ela tem que sair de casa.
- VALDEMAR Mas ela não quer ir embora. Você viu! *(Inconformado.)* Meu Deus, ela nem fez a mala!
- CONSTANTINO Então, você quer o quê? Que ela se jogue do décimo andar?
- VALDEMAR *(Desespera-se.)* - Não fale isso nem em pensamento!
- CONSTANTINO Ou vai embora ou pula.
- VALDEMAR Tem que ter outra saída!
- CONSTANTINO *(Incisivo.)* - Mas não tem. *(Intencionalmente aproxima-se da janela. Maldoso, comenta.)* Pô... O cara já está voltando pro bar da esquina.
- VALDEMAR *(Corre até a janela. Apressa-se, quase ao choro.)* - Meu Deus! Ela não pode pular. *(Decidido.)* Eu não vou deixar ela pular!

CONSTANTINO Faça alguma coisa! (*Consultando o relógio, bate o dedo indicador nele.*) Antes que seja tarde.

VALDEMAR Pois eu vou fazer. Vou lá falar com ele! (*Sai correndo.*)
Eu vou evitar essa tragédia! Ou eu não me chamo Diabo!

CONSTANTINO Me espere, eu vou com você. (*Sai atrás de Valdemar.*)
Ufa! Até que enfim eu consegui levar esse sujeitinho pro bar.

Fim do Primeiro Ato

ATO II

CENA I

(Deus e o Diabo no bar da esquina.)

VALDEMAR *(Chegando ao bar. Nervoso e eufórico.)* - Ali ele!

CONSTANTINO *(Incisivo, apressa-se.)* - Lá dentro, não.

VALDEMAR Por que não?

CONSTANTINO Ele que venha aqui pra fora.

VALDEMAR Mas ele está sentado lá dentro!

CONSTANTINO *(Ríspido, escolhendo a mesa.)* - Você quer que eu te ajude?

VALDEMAR Quero, lógico!

CONSTANTINO Tudo bem. Então, fique calmo. Temos que ser cautelosos. *(Solene.)* Senão, sabe o que vai acontecer? *(Aumenta propositadamente a voz, apontando para cima, em tom dramático, de alerta.)* Ela vai pular da janela! *(Marido sai assustado para fora do bar, olhando para cima, do outro lado da rua, para a janela do seu apartamento. Traz um copo de cerveja à mão, a garrafa na outra. Dirigindo-se ao Marido, ao mesmo tempo em que olha para cima.)* Aconteceu alguma coisa?

MARIDO *(Encabulado, não escondendo a bebedeira.)* - Não. Nada

não...

VALDEMAR (*Ansioso, olha para cima.*) - Mas vai acontecer!

CONSTANTINO Está uma noite muito agradável.

VALDEMAR Agradável coisa nenhuma!

CONSTANTINO (*Contemporiza.*) - Meu amigo nunca está satisfeito.

MARIDO De fato, não está uma noite agradável. Pelo contrário. Se querem saber, está uma merda!

CONSTANTINO (*Cínico.*) - Mas você me parece bem.

MARIDO (*Para Constantino, aproximando-se.*) - Bem? Olhe pra mim! Se eu estivesse bem, eu não estaria aqui bebendo. Eu estaria em casa com a minha mulher.

VALDEMAR (*Angustiado.*) - Por que é que o senhor não volta pra casa?!

MARIDO Porque eu acabei de chegar.

VALDEMAR E por que é que o senhor veio?

MARIDO (*Ri.*) - Boa pergunta.

CONSTANTINO (*Solícito, apressa-se.*) - Senta com a gente.

VALDEMAR Sentar? Ele tem é que voltar pra casa!

CONSTANTINO (*Em tom duro.*) - O que é que nós combinamos?

MARIDO (*Sentando.*) - Eu vou me sentar

VALDEMAR (*Insultando Constantino.*) - Deus com certeza não está gostando de ver você assim.

MARIDO (*Sentando.*) - Foda-se Deus!

CONSTANTINO (*Ofendido.*) - Foda-se?

MARIDO (*Revelando todo seu desapontamento com Deus.*) - Foda-

se!

- VALDEMAR *(Interessado.)* - O senhor não acredita em Deus?
- MARIDO Se eu acreditasse em Deus, não mandaria ele se foder!
(Gargalha.)
- CONSTANTINO As pessoas de bem às vezes também se revoltam contra Deus.
- MARIDO E quem disse que eu sou uma pessoa de bem?
- VALDEMAR *(Agoniado.)* - Mas o senhor é uma pessoa de bem. O senhor só precisa voltar pra casa. Agora!
- MARIDO *(Ri.)* - O senhor por acaso sabe o que eu acabei de fazer? Mandei minha mulher pular do décimo andar.
- VALDEMAR Por isso, é que você tem que voltar pra casa!
- CONSTANTINO Por que é que você mandou ela pular?
- VALDEMAR *(Impaciente.)* - Isso não interessa agora!
- MARIDO O que mais um homem pode fazer com uma vagabunda?
- VALDEMAR *(Ofendido, censura.)* - Sua mulher não é uma vagabunda!
- MARIDO *(Desconfiado.)* - Como é que o senhor sabe?
- VALDEMAR *(Confuso.)* - Bem... *(Apressa-se.)* O senhor está com raiva. Não está dizendo o que realmente sente!
- MARIDO *(Interrompe. Reage.)* - Eu estou dizendo a verdade sim! Minha mulher é uma vagabunda!
- VALDEMAR *(Desespera-se.)* - Ela não é!
- CONSTANTINO *(Impaciente e irritado, para Valdemar.)* - Deixa ele falar!
- MARIDO *(Acalma-se.)* - Vocês são amigos?
- VALDEMAR Sócios.

- MARIDO *(Surpreso.)* - Sócios?!
- CONSTANTINO *(Incomodado.)* - Estamos prestes a ficar milionários.
- MARIDO *(Dá um grito de guerra.)* - Iahh! Mas isso é bom! Finalmente, encontro dois felizardos nessa merda de mundo!
- VALDEMAR O senhor também pode ser um felizardo.
- MARIDO Impossível. Já caí na merda faz tempo!
- CONSTANTINO Eu acho que você não devia beber.
- VALDEMAR O problema dele não é a bebida.
- CONSTANTINO *(Para Valdemar, duro.)* - Eu estou falando com ele.
- MARIDO Epa! Não precisam brigar. Não façam isso. *(Para Valdemar.)* Seu amigo tem razão. Eu não devia beber. Mas eu estou bebendo! *(Pausa.)* Eu bebo porque gosto. E bebo também porque estou na merda. Pronto! Fica empatado. *(Bebe.)*
- CONSTANTINO Se você acreditasse em Deus, não precisaria beber.
- MARIDO *(Irritado. Tem dificuldade de falar.)* - Mas eu estou bebendo!
- CONSTANTINO *(Duro.)* - Não devia.
- VALDEMAR *(Impaciente.)* - Mas o problema não é a bebida.
- CONSTANTINO *(Convicto.)* - É a bebida sim.
- VALDEMAR *(Desafiante.)* - Nós sabemos que não é.
- MARIDO *(Para Constantino.)* - Eu estou incomodando os senhores?
- VALDEMAR *(Solícito.)* - Não, de jeito nenhum!
- CONSTANTINO *(Para o Marido.)* - Você devia se consolar com Deus, não com a bebida.

- MARIDO *(Jocosos e ofensivo.)* - Deus não cura nem ressaca!
- CONSTANTINO *(Ofendido.)* - Deus cura a alma.
- MARIDO Ainda bem que a minha alma nunca teve ressaca.
(Gargalha. Bebe.) Se eu estou te ofendendo, paciência.
- CONSTANTINO Deus perdoa até os que o ofendem.
- MARIDO *(Grita, raivoso.)* - Mas eu não quero o perdão dele!
- CONSTANTINO *(Ofendido.)* - Mas ele vai perdoar assim mesmo.
- MARIDO *(Afronta Constantino.)* - Mas eu não quero!
- VALDEMAR *(Para o Constantino.)* - Não é hora de fazer apostolado!
(Para o Marido, como que se desculpando.) Ele tem essa mania!
- MARIDO Eu queria ver ele se casar com uma vagabunda.
- CONSTANTINO Ela também já está perdoada.
- MARIDO *(Para Valdemar, desespera-se.)* - Porra! Que cara chato!
Como é que você aguenta esse seu sócio?!
- VALDEMAR *(Contrariado.)* - Nós não vamos chegar a lugar nenhum com essa conversa...!
- MARIDO *(Justificando-se.)* - Não fui eu que comecei. *(Aponta Constantino.)* Foi ele. Agora, vocês vão ter que me deixar falar. Eu estou aqui bebendo porque eu estou na merda, já disse!
- CONSTANTINO *(Ressentido.)* - E vai continuar na merda.
- MARIDO *(Agressivo.)* - E daí? O problema é meu! *(Faz menção de se levantar.)*
- VALDEMAR *(Angustiado, mantém o Marido sentado.)* - Não há problema que não possa ser resolvido.
- MARIDO Vagabunda é, vagabunda sempre será.. *(Desespera-se.)* O que é que eu posso fazer?

CONSTANTINO Perdoar.

MARIDO A mulher não é sua!

CONSTANTINO Saiba que Deus já a perdoou.

MARIDO *(Para Valdemar.)* - Esse seu amigo é um porre! *(Para Constantino.)* Não foi Deus que levou um par de chifres! Fui eu!

CONSTANTINO Se Deus perdoa, por que você não pode perdoar?

MARIDO Porque o corno aqui sou eu!

VALDEMAR Isso não é razão pra querer que sua mulher morra. Volte pra casa, pelo amor de Deus!

MARIDO Pra quê? Só se for pra dar um chute no traseiro da vagabunda! Daqueles que ela vai parar lá no outro lado da esquina!

VALDEMAR *(Agoniado.)* - Vocês se amam!

MARIDO *(Gargalha.)* - Amor?! Minha mulher me botou um par de chifres, e o senhor vem falar de amor?

VALDEMAR *(Desconsolado.)* - Mas isso é o que importa. Vocês ainda se amam! Essa é a saída! O amor! *(Olha pra cima e vê a mulher na janela. Levanta-se.)* Olha lá ela! Ela vai pular! *(Para Constantino, desamparado.)* Ela vai pular!

MARIDO Vai porra nenhuma. É só conversa. Ó! *(Mão na garganta.)* Gogó!

CONSTANTINO *(Indiferente.)* - E se ela pular?

MARIDO Ótimo! Assim, resolve todos os meus problemas.

VALDEMAR *(Ainda olhando para cima.)* - Não é assim que se resolvem as coisas!

MARIDO *(Baixando a cabeça.)* - Não olhe pra cima, porra! Disfarça. Ela está me vigiando. A vagabunda me vigia o tempo todo!

- VALDEMAR (*Convicto e eufórico.*) - É porque ela te ama!
- MARIDO (*Agressivo.*) - E eu tenho que fazer o quê? Agradecer o par de chifres?
- CONSTANTINO (*Insultando.*) - Deve ter havido uma boa razão.
- MARIDO O que é que você quer dizer? Que eu sou o culpado? (*Descontrolado.*) Ela dá a bunda pra outro e eu sou o culpado? (*Pausa. Extremamente abalado.*) Senhores sócios milionários... (*Ênfase.*) Eu fui um cara feliz. Não tem ninguém no mundo que ame mais essa mulher do que eu! (*Bate-se no peito.*) Ela é a mulher da minha vida!
- VALDEMAR (*Abalado.*) - Eu não entendo! Então, por que é que você quer que ela morra?
- MARIDO Uma vagabunda morta é menos uma vagabunda viva!
- CONSTANTINO (*Falsamente compungido.*) - Me dói tanto você dizer uma coisa dessas.
- VALDEMAR (*Começa a chorar.*) - Eu simplesmente não entendo...
- MARIDO (*Encantado.*) - Putz! Nunca imaginei que homens ricos tivessem sentimentos...! Eu só estou aqui bebendo porque eu gosto. Está certo que eu vim beber ontem, e voltarei amanhã! Mas, e daí? (*Toca o braço de Valdemar, que se põe atento.*) Um dia, meus sócios milionários, era aniversário da minha mulher, eu comprei um vestido pra ela. Nós tínhamos brigado na noite anterior. Culpa minha, eu sei! Dane-se o preço! Fui lá e comprei um belo vestido pra ela. Toda mulher tem que gostar de um lindo vestido, porque assim o homem vai poder comprar pra ela um lindo vestido! (*Sorri.*) Fomos jantar..., depois, fomos dançar... (*Raiva.*) Aí um babaca filho da puta achou que podia dar em cima da minha mulher! E ela em cima dele!
- VALDEMAR (*Afirmativo.*) - Sua mulher não fez isso.
- MARIDO Fez! Eu vi!
- VALDEMAR (*Reage.*) - Não é verdade!

CONSTANTINO Cale a boca. Deixe ele falar!

MARIDO *(Para Valdemar.)* - Como não é verdade? O senhor estava lá pra ver?

VALDEMAR *(Vai ao desespero.)* - Sua mulher não fez e nunca faria isso!

MARIDO *(Enciumado.)* - O... senhor por acaso conhece a minha mulher?

VALDEMAR *(Decidido.)* - Não conheço, mas tenho certeza de que ela não fez isso. *(Desafiador.)* E sabe por quê? Porque ela te ama! *(Conclusivo e incisivo.)* E o senhor também a ama!

MARIDO *(Levanta-se, alterado.)* - Esse é o problema! Eu amo a minha mulher! Só porque eu dou umas porradas nela de vez em quando, isso não quer dizer que eu não a ame! Minha mulher pensou que fosse uma deusa. E o pior é que ela é. *(Romântico.)* A deusa da minha vida!

VALDEMAR *(Eufórico.)* - Assim que se fala! Agora, vai lá e diga isso pra ela!

MARIDO Só que ela tem que ser a *(Ênfase no "minha".)* minha deusa! Só minha! Se não for pra ser só minha, então, tire o vestido! *(Como se falasse para a Mulher.)* É meu! Eu comprei com o meu dinheiro! E não comprei pra você ficar se exibindo pra aqueles babacas! Tire o vestido! *(Abalado, olha para Valdemar.)* Ela tinha que ter tirado, não interessa onde ela estivesse. Ela tinha que ter tirado! *(Agressivo.)* Então, é assim? Quer brigar? Rasguei, sim! Rasguei tudinho! Feito um trapo! *(Começa a chorar.)*

CONSTANTINO Deus já te perdoou por isso.

MARIDO *(Levanta-se, mal se sustenta em pé.)* - Milionário filho da puta! Eu preferiria ter sido perdoado pelo Diabo! *(Grita.)* Ela é o Diabo!

CONSTANTINO Mas ela também o perdoou. Em nome de Deus!

MARIDO Que merda é essa? Quem o senhor pensa que é?

- VALDEMAR *(Intervém, irônico.)* - Deus. Ele é Deus.
- MARIDO Deus?! *(Recua. Ri.)* Essa é boa... Boa... *(Para Constantino.)* Por isso que o senhor não entende porra nenhuma do que eu estou falando. Deus só entende de anjinhos! Deus não entende de vagabunda! *(Ri. Para Valdemar, carinhoso.)* Gostei... Você é dos meus! Não quer tomar uma cervejinha? Eu vou chamar o garçom.
- CONSTANTINO *(Apavorado.)* - Não! Agora, não!
- VALDEMAR *(Agoniado.)* - Chega de cerveja. Vai pra casa! *(Olha para cima.)*
- MARIDO Porra! Eu já disse pro senhor não olhar pra cima!
- CONSTANTINO *(Para Valdemar.)* - Pare com essa agonia. Você não vê que ele está precisando desabafar!
- VALDEMAR Vamos ficar aqui parados? Esperando que ela pule? É isso que vocês querem?
- MARIDO Vai pular coisa nenhuma! Relaxe! Além de vagabunda, é uma frouxa! Não precisam ficar preocupados. Ela me perdoou pelo que eu fiz. *(Bebe. Para Constantino.)* Ouviu, Deus milionário? Ela já me perdoou. E muito bem perdoado. *(Explosivo.)* Deu o rabo pro primeiro vagabundo que encontrou na rua! *(Nervoso.)* Gostaram? Perdoar é isso. Fazer uma merda maior que a outra. Esse é o nosso perdão! Por que é que os senhores acham que eu estou aqui bebendo? Porque agora é a minha vez de perdoar! O problema é que eu tenho que fazer uma merda maior que a dela. E merda maior que a traição só a morte! *(Mostra o copo vazio. Solene.)* Quem sabe o corpo da vagabunda caia bem aqui na minha frente... *(Decidido.)* Se ele cair, eu paro de beber. Agora! Eu juro! *(Pausa. Para Valdemar.)* Eu gostaria de saber o que o Diabo pensa disso tudo.
- VALDEMAR *(Apressa-se. Incomodado.)* - Eu já disse o que eu penso!
- MARIDO *(Ri, com escracho.)* - Ah, te peguei...! O senhor é o Diabo!

- VALDEMAR Isso não é brincadeira!
- MARIDO (*Conclusivo.*) - Se tem um Deus, tem que ter um Diabo.
- VALDEMAR (*Agoniado, conclusivo.*) - O Diabo é um bosta. Não resolve nada.
- MARIDO Tem que ter um Diabo... (*Solene.*) Se ele é Deus, o senhor é o Diabo! Assim, o tribunal fica completo. E vou logo falando. Gostei do senhor! E se eu gostei do senhor, eu gosto do Diabo!
- VALDEMAR (*Olhando para Constantino. Angustiado.*) - Sua mulher está lá em cima te esperando. Por que você não vai lá? Antes que seja tarde!
- MARIDO (*Para Constantino, rindo.*) - O Diabo é ótimo, não desiste... (*Olhando para cima, agressivo.*) Eu prefiro ficar aqui, esperando ela cair!
- VALDEMAR (*Desespera-se.*) - Você não percebe que ir pra casa é a única saída pra evitar a tragédia?!
- MARIDO (*Reage, apontando o dedo na testa.*) - Eu prefiro que o senhor me dê um tiro no meio da testa!
- CONSTANTINO (*Apressa-se. Apontando Valdemar.*) - Meu sócio tem razão. Subir é a única saída pra evitar a tragédia. (*Para o Marido.*) Você tem que subir!
- VALDEMAR (*Empolga-se, para o Marido.*) - Ouviu o que ele disse? Você tem que subir! Pra que continuar sofrendo? Acaba logo com essa dor!
- MARIDO (*Levantando-se.*) - Meus amiguinhos milionários, minha dor não tem fim. Por isso, só me resta beber! Eu vou dar uma mijadinha...
- VALDEMAR (*Levanta. agarra o Marido.*) - Você não pode pensar assim! Vocês se amam. Bote isso na sua cabeça, vocês se amam!
- CONSTANTINO (*Em tom de ordem.*) - Deixa ele mijar! (*Consultando o relógio, raivoso.*) Já está na hora, ele tem que sair daqui...

- VALDEMAR *(Para o Marido, desespera-se.)* - Então, vai mijar lá na sua casa.
- MARIDO *(Comovido, abraça Valdemar.)* - O senhor é o melhor Diabo que eu conheci... Tão sensível...! Otimista...!
(Afastando-se, reage, amargurado.) Mas deixa eu te dizer uma coisa. *(Aponta para cima.)* Aquela vagabunda já está no inferno. E, se existir algum lugar pior que o inferno, eu vou ser o primeiro da fila a empurrar a vagabunda lá pra dentro! *(Sai.)*
- CONSTANTINO A coisa está feia.
- VALDEMAR É só isso que você tem pra me dizer?
- CONSTANTINO Eu só vejo uma saída. A separação.
- VALDEMAR Que separação! Ela vai pular da janela!
- CONSTANTINO Então, ele que a perdoe.
- VALDEMAR *(Desespera-se.)* - Mas ele não consegue! Bote isso na sua cabeça! Ele não consegue!
- CONSTANTINO Eu não posso fazer nada.
- VALDEMAR Você nunca pode fazer nada, não é, Deus?! *(Irritado, levanta-se.)* Eu vou lá falar com ela!
- CONSTANTINO *(Impede Valdemar de sair.)* - Você não vai a lugar nenhum. Senta aí!
- VALDEMAR *(Livra-se de Constantino.)* - Quem é você pra me dizer o que eu tenho que fazer?
- CONSTANTINO Eu sou Deus!
- VALDEMAR E eu não quero ser o bobo da corte! Por isso, eu vou lá evitar a tragédia. Ou eu não me chamo Diabo! *(Saindo.)*
- CONSTANTINO *(Percebendo a dificuldade em controlar Valdemar, rende-se.)* - Está bem! *(Valdemar para.)* Vamos logo resolver esse problema. Confesso que já estou ficando cansado dessa história. *(Solene.)* Ele vai perdoá-la. Assim

está dito.

VALDEMAR E tudo vai voltar a ser como era antes?!

CONSTANTINO (*Tentando ser efusivo enquanto olha para o outro lado da rua.*) - Não é o que você sempre quer? Que os casaizinhos sejam felizes para sempre?

VALDEMAR (*Eufórico e chorão*) - O que é que eu posso fazer. Eu sou assim, eu acredito no amor!...

CONSTANTINO (*Fingindo censurar Valdemar.*) - Sem crise, pelo amor de Deus! (*Consultando o relógio.*) Não é hora pra isso. (*Nervoso.*) Eu preciso beber alguma coisa.

VALDEMAR (*Feliz.*) - Posso sugerir?!

CONSTANTINO (*Intencional.*) - Menos cerveja.

VALDEMAR Mas era o que eu ia sugerir!

CONSTANTINO Eu nunca tomei cerveja.

VALDEMAR Sempre tem a primeira vez.

CONSTANTINO (*Pausa. Finge estar em dúvida.*) - Está bem. Eu topo!

VALDEMAR (*Encantado.*) - Assim é que eu gosto!

CONSTANTINO (*Consultando o relógio.*) - Vai, pede.

VALDEMAR (*Brinca.*) - Uísque... Agora, cerveja! Estou gostando de ver...

CONSTANTINO (*Nervoso.*) - Para de me enrolar e pede logo essa cerveja. (*Procura.*) Cadê o garçom?

VALDEMAR O nome dele é Gaspar.

CONSTANTINO Então, chama o Gaspar.

VALDEMAR (*Grita.*) - Gaspar! Ô Gaspar! (*Olha. Impaciente.*) Onde é que se meteu esse garçom...?

CONSTANTINO Melhor levantar o braço.

VALDEMAR Gaspar?

CONSTANTINO *(Em tom de ordem.)* - Levanta o braço!

VALDEMAR *(Levanta instintivamente o braço, ansioso.)* - Ô Gaspar!

CONSTANTINO *(Ouve-se um tiro. Como que se perguntando o que é que está fazendo ali, olha em volta.)* - Beatriz... O meu filho!
(Começa o tiroteio. Um tiro acerta a testa de Constantino, que é lançado violentamente para trás, contra a parede. Valdemar, aturdido, mal tem tempo de se voltar para o que está acontecendo. Joga-se no chão. Blecaute.)

FIM

Brasília/DF, 21 de maio de 2008, quarta-feira.